

## EDITORIAL

Erinaldo Vicente Cavalcanti<sup>1</sup> Geovanni Gomes Cabral<sup>2</sup> Karla Leandro Rascke<sup>3</sup> Marcus Vinicius Reis<sup>4</sup> 

Neste mês de reflexões sobre o dia do historiador, 19 de agosto, e seu papel de lembrar do passado, de compreensão do presente e de ensinar as histórias de homens e mulheres no tempo, também em articulação ao conhecimento do passado e de sua análise, lançamos um novo número da *Escritas do Tempo*. Nesse caminhar historiográfico nos deparamos com inúmeras possibilidades do fazer histórico, mobilizando diferentes fontes documentais, que constituem o ponto chave da ciência histórica. São constelações de saberes e campos de conhecimentos, que se conectam em análises densas e críticas, aceitação e repulsas. Para esse número, as lentes convergem para as obras literárias, para as narrativas que dialogam com o fazer do historiador e suas múltiplas formas de tecer cenários de arte, imagens e palavras.

O dossiê temático *História e Literatura: aproximações e diferenças* traz à tona diferentes artigos que problematizam múltiplas formas de registro literário em distintos tempos históricos e lugares, evidenciando culturas, visões de mundo, perspectivas de sociedade e suas práticas de escrita. Discussões e abordagens teórico-metodológicas constituem interpretações produzidas por autores e autoras que revelam aproximações, similaridades e discrepâncias de extensa possibilidade de análises interdisciplinares.

Repletos de reflexões que pautam a Literatura e a História, vivemos um presente que retoma em especial a produção e a veiculação de literaturas marginalizadas, de escritos de sujeitos históricos de grupos subalternizados e cujo acesso às letras nem sempre foi permitido, dado o contexto escravista e suas hierarquias para além abolição. Mulheres e homens das camadas populares, crianças e jovens em situação de

---

<sup>1</sup> Docente da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa). Doutor em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Coordenador do Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIST/Unifesspa). Editor da *Revista Escritas do Tempo*.

<sup>2</sup> Docente da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa). Doutor em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Diretor da Faculdade de História (FAHIST/Unifesspa). Editor da *Revista Escritas do Tempo*.

<sup>3</sup> Docente da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa). Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Editora da *Revista Escritas do Tempo*.

<sup>4</sup> Docente da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa). Doutor em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Editor da *Revista Escritas do Tempo*.

refugiados, realidades de passados coloniais, experiências de povos e grupos em suas mais variadas situações e tempos têm emergido em romances, poesias, relatos, crônicas, discursos, composições e várias outras manifestações literárias.

Tais caminhos e possibilidades permitem um renascer, por exemplo, de autoras como Carolina Maria de Jesus, uma mulher negra, pobre, migrante e moradora da favela do Canindé, às margens do rio Tietê, onde escreveu *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, publicado apenas em 1960. Escritora de seu cotidiano, suas lutas pela educação dos filhos, suas dores por causa da fome e da realidade da favela, Carolina Maria de Jesus trouxe à tona escritos de uma mulher favelada sobre si mesma, sobre seu próprio mundo.

Transgressora da realidade a partir da escrita, a autora fala do mundo e do poder da literatura para transformá-lo: “Comigo o mundo vai modificar-se. Não gosto do mundo como ele é” (JESUS, 2015). Cartografando uma época e um lugar, os processos sociopolíticos e o racismo, Carolina produz uma interpretação de sua realidade, ao passo que narra essa realidade. Seus escritos deixam conhecer histórias e memórias por meio de uma literatura encharcada de dores, sonhos e crítica social.

Como nos lembra Chimamanda Adichie, em *O perigo de uma História única*, a história pode ser contada de inúmeras formas e por distintas visões e perspectivas. Nesse sentido, reforça que histórias podem ser usadas para humanizar e capacitar, trazer a dignidade para um povo (ADICHIE, 2019). Literatura e História, com suas *aproximações e diferenças*, podem evidenciar múltiplas narrativas, interpretações e caminhos que permitam avançar em dignidade, democracia e compreensão do passado e do presente.

O dossiê *História e Literatura: aproximações e diferenças* amplia esse horizonte entre essas duas áreas conhecimento, História e Literatura e traz para o debate novas reflexões, abordagens, deslocamentos documentais e narrativas permitindo intercâmbios entre tais campos. Agradecemos aos historiadores André Furtado e Anna Carolina de Abreu Coelho, docentes da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa) pela produção desse dossiê.

Aos leitores e às leitoras e/ou aos interessados e interessadas em ser autores/as informamos que nosso periódico recebe artigos em fluxo contínuo e tem lançamento de um novo número a cada quatro meses, seguindo calendário e procedimentos éticos que envolvem a avaliação, a revisão e a editoração dos manuscritos. Esperamos receber constantemente a colaboração e o interesse de pesquisadores e pesquisadoras do Brasil e

do exterior que pretendem divulgar suas pesquisas, beneficiando a sociedade com textos pertinentes, críticos e éticos.

Sejam todas e todos convidados à leitura!

### Referências

ADICHIE, Chimamanda. *O perigo de uma História única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

JESUS, Carolina Maria de. *Diário de Bitita*. São Paulo: Sesi, 2015.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 2007.